

Emil Michel Cioran

S I L O G I S M O S
D A A M A R G U R A

ATROFIA DO VERBO

Formados na escola dos veleidosos, idólatras do fragmento e do estigma, pertencemos a um tempo clínico em que só importam os *casos*. Só nos interessa o que um escritor calou, o que poderia ter dito, suas profundidades mudas. Se deixa uma *obra*, se explica, assegura no esquecimento.

Magia do artista irrealizado..., de um vencido que desperdiça suas decepções, que não sabe fazê-las frutificar.

*

Tantas páginas, tantos livros que foram, para nós, fontes de emoção, e que relemos para estudar a qualidade dos advérbios ou a propriedade dos adjetivos!

*

Existe na estupidez uma gravidade que, melhor orientada, poderia multiplicar as somas de obras-primas.

*

Sem nossas dúvidas sobre nós mesmos, nosso ceticismo seria letra morta, inquietude convencional, doutrina filosófica.

*

Não queremos mais suportar os pesos das “verdades”, continuar sendo suas vítimas ou seus cúmplices. Sonho com um mundo em que se morreria por uma vírgula.

*

Como gosto dos autores menores (Joubert sobretudo) que, por delicadeza, viveram à sombra do gênio dos outros e que renunciaram ao seu por temor de possuí-lo!

*

Se Molière tivesse se concentrado em seus abismos, Pascal — com o seu — teria parecido um jornalista.

*

Com certeza, o estilo é impossível: a preocupação com a expressão é própria dos que não podem adormecer em uma fé. Por falta de um apoio sólido, agarram-se às palavras — sombras de realidade —, enquanto os outros, seguros de suas convicções, desprezam sua aparência e descansam comodamente no conforto da improvisação.

*

Desconfie dos que dão as costas ao amor, à ambição, à sociedade. Se vingarão por haver *renunciado* a isso.

*

A história das idéias é a história do rancor dos solitários.

*

Plutarco, hoje, escreveria as *Vidas paralelas dos fracassados*.

*

O romantismo inglês foi uma mistura feliz de láudano, exílio e tuberculose; o romantismo alemão, de álcool, província e suicídio.

*

Certos seres deveriam ter vivido em cidades alemãs da época romântica. Imaginamos tão bem um Gerard *von* Nerval em Tübingen ou em Heidelberg!

*

A capacidade de resistir dos alemães não tem limites; e isto até na loucura: Nietzsche suportou a sua 11 anos, Hölderlin quarenta.

*

Lutero, prefiguração do homem moderno, assumiu todos os tipos de desequilíbrio: um Pascal e um Hitler coabitavam nele.

*

“... só o verdadeiro é digno de ser amado.” Daí provêm as lacunas da França, sua repulsa ao Vago e ao turvo, sua antipoesia, sua antimetafísica.

Mais ainda que Descartes, foi Boileau quem influenciou sobre todo um povo, censurando seu gênio.

*

O inferno — tão exato como um atestado.

O purgatório — falso como toda alusão ao Céu.

O paraíso — mostruário de ficções e de insipidezes...

A trilogia de Dante constitui a mais alta reabilitação do diabo empreendida por um cristão.

*

Shakespeare: encontro de uma rosa com um machado...

*

Fracassar na vida é ter acesso à poesia — sem o suporte do talento.

*

Só os espíritos superficiais abordam as idéias com delicadeza.

*

A menção dos dissabores administrativos (“The law’s delay, the insolence of office”) entre os motivos que justificam o suicídio, me parece a coisa mais profunda que disse Hamlet.

*

Esgotados os modos de expressão, a arte se orienta para o sem-sentido, para um universo privado e incomunicável. Todo estremecimento *inteligível*, tanto em pintura como em música ou em poesia, nos parece, com razão, antiquado ou vulgar. O *público* desaparecerá em breve; a arte o seguirá de perto.

Uma civilização que começou com as catedrais tinha que acabar no hermetismo da esquizofrenia.

*

Quando estamos a mil léguas da poesia, ainda dependemos dela por essa súbita necessidade de uivar — último grau do lirismo.

*

Ser um Raskolnikov — sem a desculpa do homicídio.

*

Só cultivam o aforismo os que conheceram o medo *no meio* das palavras, esse medo de desmoronar com *todas as palavras*.

*

Não poder voltar a época em que nenhum vocábulo paralisava os seres, ao laconismo da interjeição, ao paraíso do embotamento, ao estupor alegre anterior aos idiomas...!

*

É fácil ser “profundo”; basta deixar-se invadir por suas próprias taras.

*

Toda palavra me faz sofrer. No entanto, como seria doce ouvir flores tagarelando sobre a morte!

*

Modelos de estilo: a praga, o telegrama e o epitáfio.

*

Os românticos foram os últimos especialistas do suicídio. Desde de então se improvisa... Para melhorar sua qualidade precisamos de um novo mal do século.

*

Despojar a literatura do seu disfarce, ver seu verdadeiro rosto, é tão perigoso como privar a filosofia de seu jargão. As criações do espírito se reduzem à transfiguração de bagatelas? E só haveria alguma substância, fora do articulado, no ríctus ou na catalepsia?

*

Um livro que, após haver demolido tudo, não se destrói a si mesmo, exasperou-nos em vão.

*

Mônadas desagregadas, chegamos ao final das tristezas prudentes e das anomalias previstas: mais de um sinal anuncia a hegemonia do delírio.

*

As “fontes” de um escritor são suas vergonhas; quem não as descubra em si mesmo ou as eluda está condenado ao plágio ou à crítica.

*

Todo ocidental atormentado faz pensar em um herói de Dostoievski que tivesse uma conta no banco.

*

O bom dramaturgo deve possuir o sentido do assassinato; depois dos elisabetanos, quem ainda sabe matar seus personagens?

*

A célula nervosa habitou-se tão bem a tudo que devemos renunciar definitivamente a conceber uma insanidade, que, penetrando nos cérebros, os faria explodir.

*

Depois de Benjamin Constant, ninguém tornou a encontrar o *tom* da decepção.

*

Aquele que, possuindo os rudimentos da misantropia, quiser aperfeiçoar-se nela, deve freqüentar a escola de Swift: aprenderá assim a dar a seu desprezo pelos homens a intensidade de uma nevralgia.

*

Baudelaire introduziu a sua fisiologia na poesia; Nietzsche, na filosofia. Com eles, as perturbações dos órgãos se elevaram a canto e a conceito. Proscritos da saúde, cabia a eles assegurar uma carreira à doença.

*

Mistério, palavra de que nos servimos para enganar os outros, para fazer-lhes acreditar que somos mais profundos que eles.

*

Se Nietzsche, Proust, Baudelaire e Rimbaud sobrevivem às flutuações da moda, devem isso à gratuidade de sua crueldade, à sua cirurgia demoníaca, à generosidade de seu fel. O que faz durar uma obra, o que a impede de envelhecer é sua ferocidade. Afirmação gratuita? Considere o prestígio do Evangelho, livro agressivo, livro venenoso entre todos.

*

O público se precipita sobre os autores chamados “humanos” porque sabe que deles nada tem a temer; parados, como ele, a meio caminho, lhe propõem um acordo com o Impossível, uma visão coerente do Caos.

*

A negligência verbal dos pornógrafos provém freqüentemente de um excesso de pudor, da vergonha de exhibir a sua “alma”, e sobretudo de nomeá-la: não existe palavra indecente em nenhum idioma.

*

Que uma realidade se oculte atrás das aparências é, em todo caso, possível; que a linguagem possa reproduzi-la, seria ridículo esperar. Por que, então, adotar uma opinião em lugar de outra, recuar ante o banal ou o inconcebível, ante o dever de dizer ou escrever qualquer coisa? Um mínimo de sabedoria nos obrigaria a defender todas as teses ao mesmo tempo, em um ecletismo do sorriso e da destruição.

*

O medo da esterilidade leva o escritor a produzir acima de suas possibilidades e a acrescentar às mentiras vividas muitas outras que toma emprestadas ou forja. Sob toda “Obra completa” jaz um impostor.

*

O pessimista deve inventar cada dia novas razões de existir: é uma vítima do “sentido” da vida.

*

Macbeth: um estóico do crime, um Marco Aurélio com um punhal.

*

O espírito é o grande favorecido com as derrotas da carne. Enriquece-se à sua custa, a saqueia, regozija-se com suas misérias; vive do banditismo. A civilização deve seu êxito às proezas de um bandido.

*

O “talento” é o meio mais seguro de falsear tudo, de deformar as coisas e de equivocar-se quanto a si mesmo. Só possuem uma existência *verdadeira* aqueles a quem a natureza não sobrecarregou com nenhum dom. Por isso seria difícil imaginar universo mais falso que o universo literário, ou homem mais desprovido de *realidade* que o homem de letras.

*

Não há salvação possível fora da *imitação* do silêncio. Mas nossa loquacidade é pré-natal. Raça de tagarelas, de espermatozóides verbosos, estamos *quimicamente* ligados à Palavra.

*

A busca do signo em detrimento da coisa significada; a linguagem considerada como um fim em si, como rival da “realidade”; a mania verbal, mesmo nos filósofos; a necessidade de renovar-se *a nível das aparências*; características de uma civilização na qual a sintaxe prevalece sobre o absoluto e o gramático sobre o sábio.

*

Goethe, artista completo, é nosso antípoda. Alheio ao inacabado, a esse ideal moderno da perfeição, negou-se a compreender os riscos de seus contemporâneos; quanto aos seus, assimilou-os tão bem que não os sofreu de maneira alguma. Seu claro destino nos desmoraliza; após havê-lo esquadrinhado tentando em vão descobrir nele segredos sublimes ou sórdidos, ficamos com as palavras de Rilke: “Não tenho órgãos para Goethe.”

*

Nunca se criticará demasiado o século XIX por haver favorecido essa corja de glosadores, essas máquinas de ler, essa malformação do espírito que encarna o Professor — símbolo do declínio de uma civilização, do aviltamento do gosto, da supremacia do trabalho sobre o capricho.

*

Ver tudo do exterior, sistematizar o inefável, não olhar nada de frente, fazer o inventário das visões dos outros!... Todo comentário de uma obra é insuficiente ou inútil, pois tudo o que não é direto é nulo.

No passado, os professores se consagravam de preferência à teologia. Ao menos tinham a desculpa de ensinar o absoluto, de limitar-se a Deus, enquanto que agora nada escapa à sua competência assassina.

*

O que nos distingue de nossos antepassados é nossa petulância face ao Mistério. Nós até o desbatizamos: assim nasceu o Absurdo...

*

Fraude do estilo: dar às tristezas habituais um aspecto insólito, enfeitar as pequenas desgraças, vestir o vazio, existir *pela palavra*, pela fraseologia do suspiro ou do sarcasmo.

*

É inacreditável que a perspectiva de ter um biógrafo não tenha feito ninguém renunciar a ter uma vida.

*

Suficientemente ingênuo para colocar-me em busca da Verdade, interessei-me no passado — inutilmente — por muitas disciplinas. Começava a firmar-me no ceticismo quando tive a idéia de consultar, como último recurso, a Poesia: quem sabe, disse a mim mesmo, talvez me seja útil, talvez esconda sob sua arbitrariedade alguma revelação definitiva. Recurso ilusório: ela me fez perder até minhas *incertezas*...

*

Para quem *respirou* a Morte, que desolação o odor do Verbo!

*

Estando na moda a derrota, é natural que Deus se aproveite disso. Graças aos esnobes que o lastimam ou o maltratam, ainda goza de certa reputação. Mas durante quanto tempo será ainda interessante?

*

“Tinha talento, no entanto ninguém mais se interessa por ele. Está esquecido.
—É justo: não soube tomar todas as precauções necessárias para ser *mal* compreendido.”

*

Nada seca tanto o espírito como a repugnância a conceber idéias obscuras.

*

O que faz o sábio? Resigna-se a ver, a comer etc..., aceita a despeito de si mesmo essa “chaga de nove aberturas” que é o corpo segundo o Bhagavad-Gita. A sabedoria? Sofrer dignamente a humilhação que nos infligem nossos buracos.

*

O poeta: um espevitado que sabe atormentar-se sem motivo, que se dedica com ardor às perplexidades, que as procura por todos os meios. E depois, a ingênua posteridade se apieda dele...

*

Quase todas as obras são feitas com clarões de *imitação*, estremecimentos aprendidos e êxtases roubados.

*

Prolixa por natureza, a literatura vive da pletora de vocábulos, do câncer da palavra.

*

A Europa ainda não se encontra suficientemente em ruínas para que possa florescer nela a epopéia. No entanto, tudo faz prever que, com o ciúmes de Tróia e disposta a imita-la, proporcionará um dia temas tão importantes que nem o romance nem a poesia serão suficientes...

*

Admiraria com prazer Omar Khayyan, suas tristezas sem réplica, se ele não tivesse conservado uma última ilusão: infelizmente ainda *acreditava* no vinho.

*

O melhor de mim mesmo, este fiapo de luz que me afasta de tudo, devo a minhas raras conversas com alguns canalhas amargos, canalhas inconsoláveis que, vítimas do rigor de seu cinismo, não poderiam mais se dedicar a nenhum vício.

*

Mais que um erro de fundo, a vida é uma falta de gosto que nem a morte, nem mesmo a poesia, conseguem corrigir.

*

Neste “grande dormitório”, como um texto taoísta chama o universo, o pesadelo é a única forma de lucidez.

*

É preferível não se dedicar às Letras quando, possuindo uma alma obscura, se está obcecado pela claridade. Só restarão atrás de si suspiros inteligíveis, pobres resíduos da recusa de ser você mesmo.

*

Nos tormentos do intelecto há uma decência que dificilmente encontraríamos nos do coração.

O ceticismo é a elegância da ansiedade.

*

Ser *moderno* é remendar no Incurável.

*

Tragicomédia do discípulo: reduzi a pó o meu pensamento para ir além dos moralistas, que só me haviam ensinado a fragmentá-lo...

O ESCROQUE DE ABISMOS

Todo pensamento deveria lembrar a ruína de um sorriso.

*

Com muita precaução ando em volta das profundidades, roubo delas algumas vertigens e fujo como um escroque de abismos.

*

Todo pensador, no começo de sua carreira, opta, involuntariamente, pela dialética ou pelos chorões.

*

Muito antes da física e da psicologia nascerem, a dor desintegrava a matéria e a angústia a alma.

*

Essa espécie de mal-estar quando tentamos imaginar a vida cotidiana dos grandes homens... Por volta das duas da tarde, o que fazia Sócrates?

*

Se acreditamos com tanta ingenuidade nas idéias é porque esquecemos que foram concebidas por mamíferos.

*

Uma poesia digna desse nome começa pela experiência da fatalidade. Só os maus poetas são *livres*.

*

Não encontrei no edifício do pensamento nenhuma categoria sobre a qual descansar a minha cabeça. Em compensação, que travesseiro o caos!

*

Para nos vingar dos que são mais felizes do que nós, inoculamo-lhes — na falta de outra coisa — nossas angústias. Porque nossas dores, infelizmente, não são contagiosas.

*

Nada mata minha sede de dúvidas: se tivesse o bastão de Moisés para fazê-las brotar até da rocha!

*

Fora da dilatação do eu, fruto da paralisia geral, não existe nenhum remédio contra as crises de abatimento, contra a asfixia no nada, contra o horror de ser apenas uma alma dentro de uma cusparada.

*

Se só obtive algumas idéias da tristeza, é porque amei-a demasiado pra empobrecê-la, exercitando-me nela.

*

Uma moda filosófica se impõe como uma moda gastronômica: refuta-se igualmente uma idéia e um molho.

*

Todo aspecto do pensamento tem sua *hora*, sua frivolidade: assim, hoje, a idéia de Nada... Como parecem caducos a Matéria, a Energia, o Espírito. Felizmente o léxico é rico: cada geração pode extrair dele um vocábulo tão importante como os outros — inutilmente defuntos.

*

Somos todos farsantes: *sobrevivemos* a nossos problemas.

*

Nas épocas em que o Diabo prosperava, o pânico, o horror, as desordens eram males que gozavam de proteção sobrenatural: sabia-se quem os provocava, quem presidia sua expansão; hoje, abandonados a si mesmos, transformam-se em “dramas interiores” ou degeneram em “psicoses”, em patologia secularizada.

*

Obrigando-nos a sorrir, sucessivamente, para as idéias daqueles a quem mendigamos, a Miséria converte nosso ceticismo em ganha-pão.

*

A planta padece ligeiramente; o animal faz um esforço para se desequilibrar; no homem se exaspera a anomalia de tudo o que respira.

*

A Vida, combinação de química e estupor... Acabaremos nos refugiando no equilíbrio do mineral? Atravessaremos, retrocedendo, o reino que nos separa dele para imitar a pedra *normal*?

*

Até onde me lembro, não fiz outra coisa senão destruir em mim o orgulho de ser homem. E vago na periferia da Espécie como um monstro temeroso, sem a envergadura suficiente para reivindicar outro bando de macacos.

*

O Tédio nivela os enigmas: é um devaneio *positivista*...

*

Existe uma *angústia infusa* que substitui tanto a ciência como a intuição.

*

A morte se espalha tanto, ocupa tanto lugar, que não sei mais *onde* morrer.

*

Dever da lucidez: alcançar um desespero *correto*, uma ferocidade apolínea.

*

Se a felicidade é tão rara, é porque só é alcançada *depois* da velhice, na senilidade, favor reservado a bem poucos mortais.

*

Nossas vacilações levam a marca de nossa honradez; nossas certezas a de nossa impostura. A desonestidade de um pensador se reconhece pela quantidade de idéias *precisas* que enuncia.

*

Petulante, mergulhei no Absoluto; emergi troglodita.

*

O cinismo da solidão extrema é um calvário que a insolência atenua.

*

A morte coloca um problema que substitui todos os outros. Há algo mais funesto para a filosofia, para essa ingênua crença na hierarquia das perplexidades?

*

A filosofia serve de antídoto contra a tristeza. E há quem ainda acredite na *profundidade* da filosofia.

*

Neste universo provisório, nossos axiomas só tem um valor de *notícias do dia*.

*

A Angústia já era um produto comum na época das cavernas. Imaginem o sorriso do homem de Neanderthal se tivesse previsto que os filósofos chegariam um dia a reclamar a sua paternidade.

*

O erro da filosofia é ser demasiado *suportável*.

*

Os abúlicos, que deixam as idéias tal como são, deveriam ser os únicos a ter acesso a elas. Quando os ativos se apropriam delas, a doce bagunça cotidiana se converte em tragédia.

*

A vantagem de se interessar pela vida e pela morte é que se pode dizer delas qualquer coisa.

*

O cético gostaria de sofrer, como o resto dos homens, pelas quimeras que fazem viver. Não conseguem: é um mártir do *bom senso*.

*

Objeção contra a ciência: este mundo não *vale a pena* ser conhecido.

*

Como se pode ser filósofo? Como se pode ter a ousadia de abordar o tempo, a beleza, Deus e todo o resto? O espírito fica inchado e saltita sem vergonha. Metafísica, poesia — impertinências de piolho...

*

Estoicismo de fachada: ser um apaixonado pelo “Nil admirari”, um histérico da ataraxia.

*

Mesmo que possa lutar contra um ataque de depressão, em nome de que vitalidade me obstinaria contra uma obsessão que me pertence, que me *precede*? Quando estou bem de saúde, escolho o caminho que me agrada; “doente”, já não sou eu quem decide: é meu mal. Para os obcecados não existe opção: sua obsessão já optou por eles. Uma pessoa *se* escolhe quando dispõe de virtudes indiferentes; mas a nitidez de um mal é superior à diversidade dos caminhos a escolher. Perguntar-se se se é livre ou não: futilidade aos olhos de um espírito a quem arrastam as calorias de seus delírios. Para ele, exaltar a liberdade é dar provas de uma saúde indecente.

A liberdade? Sofisma dos saudáveis.

*

Não contente com os sofrimentos reais, o ansioso se impõe imaginários; é um ser para quem a irreabilidade existe, deve existir; sem isso, onde encontraria a razão de tormentos que sua natureza exige?

*

Por que não poderia me comparar aos maiores santos? Por acaso gastei menos loucura para salvaguardar minhas contradições do que gastaram eles para superar as suas?

*

Quando a Idéia buscava um refúgio, devia estar carcomida para só encontrar a hospitalidade do cérebro.

*

Técnica que praticamos à nossa custa, a psicanálise degrada nossos riscos, nossos perigos, nossos abismos; nos despoja de nossas impurezas, de tudo o que nos tornava curiosos de nós de nós mesmos.

*

Que haja ou não uma solução para os problemas, isso só preocupa uma minoria; que os sentimentos não tenham nenhuma saída, que não venham dar em nada, que se percam neles mesmos, eis o drama inconsciente de todos, o *insolúvel afetivo* que cada um sofre sem pensar nele.

*

Aprofundar uma idéia é atentar contra ela: roubar-lhe o encanto e até a vida...

*

Com um pouco mais de ardor no niilismo, me seria possível — negando tudo — sacudir minhas dúvidas e triunfar sobre elas. Mas só tenho o gosto da negação, não seu dom.

*

Haver conhecido a fascinação dos extremos e haver parado em algum lugar entre o diletantismo e a dinamite!

*

Deveria ser o Intolerável, e não a Evolução, o tema preferido da biologia.

*

Minha cosmogonia acrescenta ao caos original uma infinidade de pontos de suspensão.

*

Cada vez que temos uma idéia, algo apodrece em nós.

*

Todo problema profana um mistério; por sua vez, o problema é profanado por sua solução.

*

O patético revela uma profundidade de mau gosto; como essa volúpia da sedição em que se comprazeram um Lutero, um Rousseau, um Beethoven, um Nietzsche. As *grandes entonações* — plebeísmo dos solitários...

*

Essa necessidade de remorsos que precede o Mal, ou melhor, que o cria...

*

Suportaria eu um só dia sem esta caridade de minha loucura que, diariamente, me promete o Juízo Final para o dia seguinte?

*

Sofremos: o mundo exterior começa a existir...; sofremos demasiado: ele desaparece. A dor só o suscita para desmascarar sua irreabilidade.

*

O pensamento que se liberta de todo preconceito se desagrega e imita a incoerência e a dispersão das coisas que quer apreender. Com idéias “fluidas” podemos nos *espalhar* sobre a realidade, aderir a ela, mas não explicá-la. Assim, paga-se caro o “sistema” que não se desejou.

*

O Real me dá asma.

*

Nos repugna levar até as últimas conseqüências um pensamento deprimente, mesmo que seja inatacável; o suportamos até o momento em que afeta nossas entranhas, em que se torna mal-estar, verdade e desastre da carne. Nunca li um sermão de Buda ou uma página de Schopenhauer sem vê-lo *todo cor-de-rosa...*

*

Encontramos Sutiliza:
nos teólogos. Não podendo provar o que afirmam estão obrigados a praticar tal quantidade de distinções que, com elas, perturbam o espírito: que é o que desejam. Que virtuosismo não é necessário para classificar os anjos em dezenas de espécies! E isso sem insistir em Deus: seu “infinito” fez cair em deliquescência numerosos cérebros, desgastando-os;

nos ociosos — nos mundanos, nas raças indolentes, em todos aqueles que se alimentam de palavras. A conversação, mãe da sutileza... Por haver sido insensíveis a ela, os alemães foram engolidos pela metafísica. Pela contrário, os povos faladores, os antigos gregos ou os franceses, peritos nos encantos do espírito, sobressaíram na *técnica das ninharias*;

nos perseguidos. Obrigado à mentira, ao arдил, à tramóia, levam uma vida dupla e falsa: a *insinceridade* — por necessidade — excita a inteligência. Seguros de si, os ingleses são enfadonhos: pagam dessa maneira os séculos de liberdade em que puderam viver sem recorrer à astúcia, ao sorriso dissimulado, às artimanhas. Compreende-se assim por que, no pólo oposto, os judeus possuem o privilégio de ser o povo mais desperto;

nas mulheres. Condenadas ao pudor, devem camuflar seus desejos e mentir: *a mentira é uma forma de talento*, enquanto que o respeito pela “verdade” vai de par com a grosseria e com a falta de finura;

nos tarados que não estão internados..., naqueles com os quais sonharia um código penal ideal.

*

Quando se é jovem, pratica-se a filosofia menos para buscar nela uma visão que um estimulante; perseguem-se as idéias, adivinha-se o delírio que as produziu, sonha-se em imitá-lo e exagerá-lo. A adolescência se compraz no malabarismo das alturas; em

um pensador ama o saltimbanco; em Nietzsche amávamos Zaratustra, suas poses, suas palhaçadas místicas, verdadeira *feira de cumes*...

Sua idolatria da força é menos um sinal de esnobismo evolucionista que uma tensão interior projetada para fora, uma embriaguez que interpreta e aceita o devir. Disso tinha que resultar uma imagem falsa da vida e da história. Mas era necessário passar por aí, pela orgia filosófica, pelo culto da vitalidade. Os que se negaram a isso jamais conhecerão suas conseqüências, o reverso e as caretas desse culto; nunca compreenderão as raízes da decepção.

Como Nietzsche, acreditávamos na perenidade de nossos transe; graças à maturidade de nosso cinismo, fomos ainda mais longe que ele. A idéia do super-homem nos parece, hoje, uma mera elucubração; naquela época nos parecia tão exata como um dado experimental. Assim se eclipsou o ídolo de nossa juventude. Mas qual deles — se fossem *vários* — permanece ainda? É o perito em decadências, o *psicólogo* agressivo, não somente observador como os moralistas, que escruta como inimigo e se cria inimigos; mas seus inimigos ele os extrai de si mesmo, como os vícios que denuncia. Combate furiosamente os fracos?, pratica a introspecção; e quando ataca a decadência, descreve seu próprio estado. Todo seu ódio se dirige indiretamente contra si mesmo. Proclama suas fraquezas e as erige em ideal; se se detesta, o cristianismo ou o socialismo sofrem as conseqüências. Seu diagnóstico do niilismo é irrefutável: porque ele mesmo é niilista e o confessa. Panfletário apaixonado por seus adversários, não teria conseguido suportar-se se não tivesse combatido contra si mesmo, se não tivesse colocado suas misérias em outro lugar, nos outros: *vingou-se neles do que ele era*. Tendo praticado a psicologia como herói, propõe aos apaixonados pelo Inextricável uma diversidade de impasses.

Medimos sua fecundidade pelas possibilidades que nos oferece de renegá-lo continuamente sem esgotá-lo. Espírito nômade, é um especialista em variar seus desequilíbrios. Sustentou sempre o pró e o contra de tudo: é o procedimento dos que se dedicam à especulação por não haver podido escrever tragédias ou dispersar-se em múltiplos destinos. O certo é que Nietzsche, expondo suas histerias, nos desembaraçou do pudor das nossas; suas misérias nos foram salutares. Ele inaugurou a *era dos "complexos"*.

*

O filósofo “generoso” esquece, em detrimento de si mesmo, que de um sistema só sobrevivem as verdades nocivas.

*

Na época em que, por inexperiência, se toma gosto pela filosofia, decidi, como todo mundo, fazer uma tese. Que tema escolher? Queria um ao mesmo tempo batido e insólito. Quando pensei havê-lo encontrado, corri para comunica-lo a meu orientador:

— O que o senhor acha de uma *Teoria Geral das Lágrimas*?

— É possível — me disse —, mas vai ser difícil encontrar bibliografia.

— Se é por isso, não há problema. A História inteira me respaldará com sua autoridade — respondi-lhe com um tom de impertinência e de triunfo.

Mas como, impaciente, me olhava com desdém, decidi imediatamente matar o *discípulo* que havia em mim.

*

Na antiguidade, o filósofo que não escrevia mas pensava, não se expunha ao desprezo; desde que nos prostramos ante a eficácia, a *obra* se converteu no absoluto do vulgo; os que não produzem são considerados “fracassados”. No entanto, esses “fracassados” teriam sido os sábios de outros tempos; eles reabilitarão a nossa época por não haver deixado traços nela.

*

Aproxima-se o momento em que o cético, depois de haver questionado tudo, já não terá *de que* duvidar; será, então, quando realmente suspenderá seu julgamento. O que lhe restará? Divertir-se ou adormecer — a frivolidade ou a animalidade.

*

Mais de uma vez cheguei a entrever o outono do cérebro, o desenlace da consciência, a última *cena* da razão, e logo uma luz que me gelava o sangue!

*

Na direção de uma sabedoria vegetal: abjuraria todos os meus terrores pelo *sorriso* de uma árvore...

TEMPO E ANEMIA

Como me sinto próximo daquela velha louca que corria atrás do tempo, que queria agarrar um *pedaço* de tempo!

*

Existe uma relação entre as deficiências de nosso sangue e nosso estranhamento no tempo: tantos glóbulos brancos, tantos instantes vazios... Nossos estados *conscientes* não procedem da descoloração de nossos desejos?

*

Surpreendido em pleno meio-dia pelo delicioso choque da vertigem, a que atribuí-lo? Ao sangue, ao céu azul? Ou à anemia, situada a meio caminho entre os dois?

*

A palidez nos mostra até onde o corpo pode compreender a alma.

*

Com tuas veias carregadas de noites, te encontras entre os homens como um epítáfio no meio de um circo.

*

No auge da Passividade, pensa-se em uma boa crise de epilepsia como em uma terra prometida.

*

Quanto mais difuso é o objeto de uma paixão, mais ela nos destrói; a minha foi o Tédio: sucumbi à sua imprecisão.

*

O tempo está proibido para mim. Não podendo seguir sua cadência, agarro-me a ele ou o contemplo, mas nunca estou dentro dele: não é meu *elemento*. E em vão espero um pouco de tempo dos outros!

*

A Anemia é o jardim onde floresce Deus.

*

Se a fê, a política ou a violência diminuem o desespero, tudo deixa intacta a melancolia: ela só poderia cessar com o nosso sangue.

*

O tédio é uma angústia larvar; a melancolia, um ódio sonhador.

*

Nossas tristezas prolongam o mistério que esboça o sorriso das múmias.

*

Só a ansiedade, utopia negra, nos fornece *precisões* sobre o futuro.

*

Vomitar? Rezar? O vazio nos eleva a um céu de Crucificações que nos deixa na boca um gosto de sacarina.

*

Durante muito tempo acreditei nas virtudes metafísicas do Cansaço; é verdade que ele nos faz mergulhar nas raízes do Tempo; mas o que trazemos dele? Algumas ninharias sobre a eternidade.

*

“Sou como um marionete quebrada cujos olhos tivessem caído para dentro.”
Estas palavras de um doente mental valem mais do que o conjunto das obras de introspecção.

*

Quando tudo se torna insípido à nossa volta, que tônico a curiosidade de saber *de que maneira* perderemos a razão!

*

Se nos fosse possível abandonar voluntariamente o nada da apatia pelo dinamismo do remorso!

*

Comparado ao tédio que me espera, o que me habita me parece tão agradavelmente insuportável que tremo só de pensar em esgotar seu terror.

*

Em um mundo sem melancolia, os rouxinóis se poriam a arrotar.

*

Alguém emprega continuamente a palavra “vida”? Saiba que é um doente.

*

O interesse que manifestamos pelo Tempo emana de um esnobismo do Irreparável.

*

Para iniciar-se na tristeza, no artesanato do Indefinido, alguns demoram um segundo, outros uma vida.

*

Muitas vezes me retirei para esse quarto de despejo que é o Céu, muitas vezes cedi à necessidade de *sufocar* em Deus!

*

Só sou eu mesmo acima ou abaixo de mim, na raiva ou no abatimento; em meu nível habitual, ignoro que existo.

*

Não é fácil adquirir uma neurose; quem o consegue dispõe de uma fortuna que faz prosperar tudo: tanto os êxitos como os fracassos.

*

Só podemos agir em função de um tempo limitado: um dia, uma semana, um mês, um ano, dez anos ou uma vida. Porque se por desgraça relacionamos nossos atos ao Tempo, tempo e atos se evaporam; e é então a aventura no *Nada*, a gênese do Não.

*

Cedo ou tarde, cada desejo deve encontrar seu cansaço: sua verdade...

*

Consciência do tempo: atentado contra o tempo...

*

Graças à melancolia — esse alpinismo dos preguiçosos — escalamos *da nossa cama* todos os cumes e sonhamos no alto de todos os precipícios.

*

Entediar-se é mascar tempo.

*

A poltrona, essa grande responsável, essa promotora de nossa “alma”.

*

Tomo uma resolução *de pé*; deito-me e a anulo.

*

Aceitaríamos facilmente *os desgostos* se a razão ou o fígado não sucumbissem a eles.

*

Busquei em mim mesmo meu próprio modelo. Para imitá-lo, dediquei-me à dialética da indolência. É tão mais agradável fracassar na vida...

*

Ter dedicado à idéia da morte todas as horas que uma profissão teria exigido... Os extravasamentos metafísicos são próprios dos monges, dos libertinos e dos mendigos. Um emprego teria feito do próprio Buda um simples *descontente*.

*

Obriguem os homens a se deitar durante dias e dias: os colchões conseguiriam o que nem as guerras nem os slogans puderam fazer. Pois as manobras do Tédio superam, em eficácia, as das armas e das ideologias.

*

Nossas aversões? Desvios da aversão que temos a nós mesmos.

*

Quando me surpreendo em um momento de revolta, tomo um sonífero ou consulto um psiquiatra. Qualquer procedimento é bom para quem persegue a Indiferença sem estar predisposto a ela.

*

Premissa dos indolentes, esses metafísicos natos: o Vazio é a certeza que descobrem, ao final de sua carreira e como recompensa a suas decepções, as pessoas honestas e os filósofos profissionais.

*

À medida que liquidamos nossas vergonhas, arrancamos nossas máscaras. Mas chega um dia em que nosso jogo acaba: ficamos sem vergonhas e sem máscaras. E *sem público*. Superestimamos nossos segredos, a vitalidade de nossas misérias.

*

Diariamente converso em particular com meu esqueleto, e isso minha carne nunca me perdoará.

*

O que arruína a alegria é sua falta de rigor; contemple, por outro lado, a lógica do fel...

*

Se alguma vez estiveste triste *sem motivo*; é que o estiveste durante toda a vida sem sabê-lo.

*

Perambulo através dos dias como uma puta em um mundo sem *trottoirs*.

*

Só nos tornamos cúmplices da vida quando dizemos — *de todo coração* — uma banalidade.

*

Entre o Tédio e o Êxtase se desenvolve toda a nossa experiência do tempo.

*

Triunfaste na vida? Jamais conhecerás o *orgulho*.

*

Nós nos entrincheiramos atrás de nosso rosto; o louco se trai pelo seu. Ele se oferece, se denuncia aos outros. Havendo perdido sua máscara, divulga sua angústia, a impõe ao primeiro que aparece, exhibe seus enigmas. Tanta indiscrição irrita. É normal que o amarrem e que o isolem.

*

Todas as águas são cor de afogamento.

*

Seja por paixão pelo remorso ou por insensibilidade, o fato é que nada fiz para salvar o pouco de absoluto que encerra este mundo.

*

O Devir: uma agonia *sem desenlace*.

*

Contrariamente aos prazeres, as dores não conduzem à saciedade. Não existe leproso *blasé*.

*

A tristeza: um apetite que nenhuma desgraça satisfaz.

*

Nada nos seduz tanto como a obsessão da morte; a *obsessão*, não a morte.

*

Essas horas em que me parece inútil levantar-me aguçam minha curiosidade pelos Incuráveis. Presos a seu leito, e ao Absoluto, como devem conhecer tudo! Entretanto, só me pareço com eles no virtuosismo do torpor, na interminável ruminação das manhãs inteiras passadas na cama.

*

Enquanto o tédio se limita unicamente aos assuntos do coração, tudo é ainda possível; mas se se estende à esfera do juízo, estamos perdidos.

*

Mal meditamos em pé, ainda menos andando. Foi nosso empenho em conversar a posição vertical que originou a Ação; por isso, para protestar contra seus danos, deveríamos imitar a postura dos cadáveres.

*

O Desespero é o descaramento da desgraça, uma forma de provocação, uma filosofia para épocas indiscretas.

*

Quando se aprende a beber nas fontes do Vazio, deixa-se de temer o futuro. O Tédio opera prodígios: converte a vacuidade em substância; é ele próprio *vazio nutritivo*.

*

Quanto mais envelheço, menos me agrada bancar o Hamlet. Já não sei, com respeito à morte, que tipo de angústia sentir...

O C I D E N T E

Orgulho moderno: perdi a amizade de um homem que estimava por haver insistido em repetir-lhe que eu era mais degenerado que ele...

*

O Ocidente busca em vão uma forma de agonia digna de seu passado.

*

Dom Quixote representa a juventude de uma civilização: ele *se inventava* acontecimentos; nós não sabemos como escapar aos que nos perseguem.

*

O Oriente se interessou pelas flores e pela renúncia. Nós lhe opomos as máquinas e o esforço, e esta melancolia galopante — último sobressalto do Ocidente.

*

Que tristeza ver grandes nações mendigarem um suplemento de futuro!

*

Nossa época será marcada pelo romantismo dos apátridas. Já se forma a imagem de um universo onde ninguém mais terá *direito de cidadania*.
Em todo cidadão de hoje jaz um meteco futuro.

*

Mil anos de guerras consolidaram o Ocidente; um século de “psicologia” pôs-lhe a corda no pescoço.

*

Através das seitas, o vulgo participa do Absoluto e um povo manifesta sua vitalidade. Foram elas que prepararam a revolução russa e o dilúvio eslavo.

Desde que o catolicismo mostra apenas um aspecto formal, a esclerose o invade; entretanto, sua carreira ainda não acabou: falta-lhe estar de luto pela latinidade.

*

“Nós, civilizações, sabemos agora que somos mortais”. Sendo nosso mal a história, o eclipse da história, devemos insistir nas palavras de Valéry, agravar seu alcance: sabemos agora que *a* civilização é mortal, que galopamos em direção a horizontes de apoplexia, a milagres do pior, à idade de ouro do pânico.

*

Pela intensidade de seus conflitos, o século XVI nos é mais próximo que nenhum outro; mas não vejo em nossa época Luter os ou Calvinos. Comparados a esses gigantes, e a seus contemporâneos, somos pigmeus elevados, pela fatalidade do saber, a um destino monumental. Apesar de nos faltar a distinção, em uma coisa, entretanto, os superamos: em suas tribulações, eles tinham o recurso, a covardia de julgar-se entre os leitos. A Predestinação, única idéia cristã ainda tentadora, conservava para eles sua dupla face. Para nós, não há mais eleitos.

*

Escutem os alemães e os espanhóis *explicar-se*: farão ressoar em seus ouvidos sempre a mesma cantilena: trágico, trágico... É sua maneira de fazer-nos compreender suas calamidades ou suas estagnações, sua forma de triunfar...

Virem-se para os Balcãs; ouvirão constantemente: destino, destino... Os povos demasiado próximos de suas origens dissimulam assim suas tristezas inoperantes. É a discrição dos trogloditas.

*

Em contato com os franceses se aprende a ser infeliz *gentilmente*.

*

Os povos que não tem o gosto das futilidades, da frivolidade e do aproximado, que *vivem* seus exageros verbais, são uma catástrofe para os outros e para eles mesmos. Insistem em ninharias, levam a sério o acessório e fazem uma tragédia do insignificante. Se a isso acrescentam uma paixão pela fidelidade e uma detestável repugnância a trair, não se pode esperar outra coisa deles senão sua ruína. Para corrigir seus méritos, para remediar sua profundidade, é necessário convertê-los ao Sul, inocular-lhes o vírus da farsa.

A face do mundo não teria sido a mesma se Napoleão houvesse ocupado a Alemanha com marselheses.

*

Poderemos meridionalizar os povos profundos? O futuro da Europa depende da resposta a esta questão. Se os alemães se puserem a trabalhar como antes, o Ocidente está perdido; da mesma forma se os russos não reencontrarem o seu velho amor pela preguiça. Seria preciso desenvolver em ambos os povos o gosto da indolência, da apatia e da sesta, fazer-lhes entrever as delícias da inércia e da inconstância.

... A menos que nos resignemos às soluções que a Prússia ou a Sibéria infligiriam a nosso diletantismo.

*

Não existe evolução nem entusiasmo que não sejam destruidores, ao menos em seus momentos de intensidade.

O *devoir* de Heráclito desafia o tempo; o de Bergson faz pensar nas tentativas ingênuas e nas velharias filosóficas.

*

Como eram felizes esses monges que, no final da Idade Média, corriam de cidade em cidade anunciando o fim do mundo! Suas profecias demoravam a se realizar? Que importa! Eles podiam se soltar, dar livre curso a seus terrores, despeja-los sobre as multidões; terapêutica ilusória em uma época como a nossa em que o pânico, introduzido nos costumes, perdeu suas virtudes.

*

Para governar os homens, é preciso praticar os seus vícios e acrescentar algum outro mais. Vejam o caso dos papas; enquanto fornicavam, dedicavam-se ao incesto e assassinavam, dominavam o mundo e a Igreja era onipotente. Desde que respeitam seus preceitos, só fazem é decair: a abstinência, assim como a moderação, lhes foi nefasta; convertidos em pessoas respeitáveis, ninguém mais os teme. Edificante crepúsculo de uma instituição.

*

O preconceito da honra é próprio das civilizações rudimentares. Ele desaparece com o advento da lucidez, com o reinado dos covardes, daqueles que, havendo “compreendido” tudo, não têm mais nada a defender.

*

Durante três séculos, a Espanha guardou zelosamente o segredo da Ineficácia; hoje em dia, todo o Ocidente possui esse segredo; ele não o roubou, descobriu-o por seus próprios meios, *por introspecção*.

*

Pela barbárie, Hitler tentou salvar toda uma civilização. Sua empresa foi um fracasso; no entanto, nem por isso deixará de ser a última *iniciativa* do Ocidente.

Sem dúvida, este continente merecia coisa melhor. De quem é a culpa se não soube produzir um monstro de qualidade diferente?

*

Rousseau foi uma calamidade para a França, assim como Hegel para a Alemanha. Tão indiferente à histeria como aos sistemas, a Inglaterra contemporizou com a mediocridade; sua “filosofia” estabeleceu o valor da *sensação*; sua política a do *negócio*. O empirismo foi sua resposta às elucubrações do Continente; o Parlamento, seu desafio à utopia, à patologia heróica.

Não há equilíbrio político sem nulidades de boa qualidade. Quem provoca as catástrofes? Os maníacos da agitação, os impotentes, os insones, os artistas fracassados que portaram coroa, sabre ou uniforme, e, mais ainda que todos eles, os otimistas, aqueles que *esperam* à custa dos outros.

*

Não é elegante abusar da má sorte; alguns indivíduos, como certos povos, se comprazem tanto nela que desonram a tragédia.

*

Os espíritos lúcidos, para dar uma caráter oficial a seu desalento e impô-lo aos outros, deveriam constituir uma *Liga da Decepção*. Talvez assim conseguiriam atenuar a pressão da história, torna o futuro facultativo...

*

Um após o outro, adorei e excrei numerosos povos; jamais me ocorreu renegar o espanhol que gostaria de ter sido...

*

I. Instintos vacilantes, crenças deterioradas, manias e caduquices. Por toda parte conquistadores aposentados, capitalistas do heroísmo, frente a jovens Alaricos que espreitam as novas Romas e Atenas; por toda parte, paradoxos de apáticos. No passado, as *boutades* de salão atravessavam os países, desconcertavam a tolice ou a aguçavam. A Europa, coquete e intratável, estava na flor da idade; decrépita hoje, já não excita mais ninguém. Os bárbaros, no entanto, ainda esperam herdar suas finuras e se irritam ante sua longa agonia.

II. França, Inglaterra, Alemanha; Itália talvez. O resto... Por que acidente uma civilização pára? Por que a pintura holandesa ou a mística espanhola só floresceram um instante? Quantas nações sobreviveram a seu gênio! Por isso seu ocaso é trágico; o da França, da Alemanha e da Inglaterra procede, entretanto, de um irreparável interno, do acabamento de um processo, de um dever cumprido; é natural, explicável, merecido. Poderia ser diferente? São países que prosperaram e se arruinaram juntos, por espírito de concorrência, de fraternidade e de ódio; enquanto que, no resto do globo, a nova rale armazenava energias, se multiplicava e esperava.

Tribos de instintos imperiosos se aglutinam para formar uma grande potência; chega o momento em que, resignadas e esgotadas, só aspiram a um papel subalterno. Quando se cessa de invadir, se aceita ser invadido. O drama de Aníbal foi haver nascido cedo demais; alguns séculos mais tarde teria encontrado as portas de Roma abertas. O império estava vago, como a Europa de nossos dias.

III. Todos nós saboreamos o mal do Ocidente. Sabemos demasiado da arte, do amor, da religião, da guerra, para acreditar ainda em alguma coisa; e depois, tantos séculos foram gastos nisso... A época do *acabamento* da plenitude está terminada. A matéria dos poemas? Extenuada. Amar? Até a gentalha repudia o “sentimento”. A piedade? Esquadrinhe as catedrais. Nelas só se ajoelham os ineptos. Quem ainda deseja combater? O herói está superado; só a carnificina impessoal continua na moda. Somos fantoches clarividentes, capazes apenas de fazer caretas ante o irremediável.

O Ocidente? Um *possível* sem futuro.

IV. Não podemos defender nossas astúcias contra os músculos, seremos cada dia menos utilizáveis para qualquer fim; o primeiro que apareça nos prenderá. Contemple o

Ocidente: transborda de saber, de desonra e de preguiça. Tinham que acabar nisto os cruzados, os cavaleiros, os piratas, no estupor de uma missão cumprida.

Quando Roma recuava suas legiões, ignorava a História e as lições dos crepúsculos. Não é esse nosso caso. Que sombrio Messias nos aguarda...!

*

Aquele que, por distração ou incompetência, detiver, ainda que só por um momento, a marcha da humanidade, será seu salvador.

*

O catolicismo só criou a Espanha para melhor sufocá-la. É um país onde se viaja para admirar a Igreja, e para adivinhar o prazer que pode existir em assassinar um pároco.

*

O Ocidente progride: ostenta timidamente sua decrepitude — e já invejo menos aqueles que, tendo visto Roma, acreditavam gozar de uma desolação única, intransmissível.

*

As verdades do humanismo, a confiança no homem e o resto, só possuem ainda um vigor de ficções, uma prosperidade de sombras. O Ocidente *era* essas verdades; agora é apenas essas ficções, essas sombras. Tão miserável como elas, não pode vivificá-las; as arrasta, as expõe, mas não as *impõe* mais; deixaram de ser *ameaçadoras*. Da mesma forma, os que se agarram ao humanismo se servem de um vocábulo extenuado, sem suporte afetivo, de um vocábulo espectral.

*

Em todo caso, talvez este continente ainda não tenha jogado sua última cartada. E se se dedicasse a desmoralizar o resto do mundo, a propagar a sua pestilência? Seria uma maneira de conversar o seu prestígio, de exercer ainda a sua influência.

*

No futuro, se a humanidade tiver começar de novo, o fará com sua ralé, com os mongóis de toda parte, com a escória dos continentes; se delineará uma civilização caricatural, à qual aqueles que produziram a verdadeira assistirão impotentes, humilhados, prostrados, para refugiar-se ao final na idiotia, onde esquecerão o esplendor de seus desastres.

O CIRCO DA SOLIDÃO

I

Ninguém pode conservar sua solidão se não saber fazer-se odioso.

*

Só vivo porque posso morrer quando quiser: sem a *idéia* do suicídio já teria me matado há muito tempo.

*

O ceticismo que não contribui para a ruína de nossa saúde é apenas um exercício intelectual.

*

Alimentar na miséria uma ira de tirano, sufocar sob uma crueldade contida, odiar-se por falta de subalternos para massacrar, de império para terrorizar, ser um Tibério pobre...

*

O que irrita no desespero é sua legitimidade, sua evidência, sua “documentação”: é pura reportagem. Observe, ao contrário, a esperança, sua generosidade *no erro*, sua mania de fantasiar, sua repulsa ao acontecimento: uma aberração, uma ficção. E é nessa aberração que reside a vida e dessa ficção que ela se alimenta.

*

César? Dom Quixote? Qual dos dois, em minha presunção, eu gostaria de tomar como modelo? Pouco importa. O fato é que um dia parti de uma região longínqua à conquista do mundo, de todas as perplexidades do mundo...

*

Quando, de uma mansarda, contemplo a cidade parece tão honrado ser nela sacristão como cafetão.

*

Se tivesse que renunciar a meu diletantismo, me especializaria no uivo.

*

Deixa-se de ser jovem quando já não se escolhe mais os inimigos, quando a gente se contenta com os que tem à mão.

*

Todos os nossos rancores provêm do fato de haveremos ficado abaixo de nossas possibilidades, sem ter conseguido alcançar a nós mesmos. E isso nunca o perdoaremos aos *outros*.

*

À deriva no Vago, agarro-me ao menor desgosto como a uma tábua de salvação.

*

Querem multiplicar os desequilíbrios, agravar as perturbações mentais, construir manicômios em cada canto da cidade?

Proibam a *praga*.

Compreenderão então suas virtudes liberadoras, sua função terapêutica, a superioridade de seu método face ao da psicanálise, das ginásticas orientais ou da igreja. Compreenderão sobretudo que graças às suas maravilhas, a seu auxílio constante, a maior parte de nós não é criminoso nem está louco.

*

Nascemos com tal capacidade de admirar que outros dez planetas não poderiam esgota-la; a Terra o consegue automaticamente.

*

Levantar-se como um taumaturgo resolvido a povoar seu dia de milagres, e cair de novo na cama para ruminar até a noite problemas de amor e de dinheiro...

*

Perdi em contato com os homens todo o frescor de minhas neuroses.

*

Nada revela tanto o vulgar como sua repulsa a ser decepcionado.

*

Quando não tenho nem um tostão no bolso, esforço-me para imaginar *o céu da luz sonora* que constitui, segundo o budismo japonês, uma das etapas que o sábio deve transpor para vencer o mundo — e o dinheiro, acrescentaria eu.

*

A pior das calúnias é a que visa nossa preguiça, a que contesta sua autenticidade.

*

Na minha infância, meus amigos e eu nos divertíamos vendo o coveiro trabalhar. Às vezes ele nos deixava um crânio com o qual jogávamos futebol. Esse era para nós um prazer que nenhum pensamento fúnebre empanava.

Durante muitos anos vivi em um ambiente de párocos que haviam ministrado milhares de extrema-unções; apesar disso, não conheci nenhum a quem a Morte intrigasse. Mais tarde compreendi que o único cadáver do qual se pode tirar algum proveito é o que *se prepara* em nós.

*

Sem Deus tudo é nada; e Deus? Nada supremo.

II

O desejo de morrer foi minha única preocupação; renunciei a tudo por ele, até a morte.

*

Mal um animal se transtorna, começa a parecer-se com o homem. Observe um cão furioso ou abúlico: parece que espera seu romancista ou seu poeta.

*

Toda experiência profunda se formula em termos de fisiologia.

*

A lisonja transforma uma pessoa de caráter em uma marionete, e, em um instante, sob a influência de sua doçura, os olhos mais vivos adquirem uma expressão bovina. Insinuando-se mais fundo que a doença, e alterando, ao mesmo tempo, as glândulas, as entranhas e o espírito, ela é a única arma de que dispomos para dominar os nossos semelhantes, para desmoraliza-los e corrompê-los.

*

No pessimista se combinam uma bondade ineficaz e uma maldade insatisfeita.

*

Por necessidade de recolhimento, livre-me de Deus, desembaracei-me do último *chato*.

*

Quanto mais desgraças sofrermos, mais fúteis nos tornamos: elas mudam até a nossa maneira de andar. Convidam-nos a nos pavonear, sufocam em nós a pessoa para despertar o *personagem*.

... Se não fosse pela impertinência de julgar-me o ser mais desgraçado da terra, há muito tempo que teria desmoronado.

*

É uma grande injúria contra o homem pensar que para destruir-se ele necessita de uma ajuda, de um destino... Já não gastou o melhor de seu talento liquidando a sua própria legenda? Nessa recusa de durar, nesse horror a si mesmo, reside a sua desculpa ou, como se dizia antigamente, a sua grandeza.

*

Por que nos retirar e abandonar a partida quando ainda nos restam tantos seres a *decepcionar*?

*

Quanto as paixões, os acessos da fé, a intolerância me dominam, desceria com muito gosto à rua para lutar e morrer como militante do Vago, como entusiasta do Talvez...

*

Sonhas em incendiar o universo e nem sequer conseguiste comunicar tua chama às palavras, nem sequer conseguiste *acender* uma só!

*

Tendo dissipado o meu dogmatismo em imprecações, o que posso fazer senão ser cético?

*

Bem no meio de importantes estudos, descobri que ia morrer um dia..., minha modéstia desapareceu imediatamente. Convencido de que não me restava mais nada a aprender, abandonei meus estudos para informar o mundo de tão extraordinária descoberta.

*

Espírito positivo corrompido, o Destruidor acredita ingenuamente que vale a pena demolir as verdades. É um técnico às avessas, um pedante do vandalismo, um evangelista extraviado.

*

Envelhecendo aprendemos a converter nossos terrores em sarcasmos.

*

Não me pergunte mais qual é o meu programa: *respirar* não é um?

*

A melhor maneira de nos afastar dos outros é convidá-los a desfrutar de nossos fracassos; depois disso, podemos ter certeza que os odiaremos pelo resto de nossas dias.

*

“Você deveria trabalhar, ganhar a vida, concentrar as suas forças.”

“Minhas forças? Dissipei-as, empreguei-as todas em apagar de mim os vestígios de Deus... E agora estou desocupado para sempre.”

*

Todo ato lisonjeia a hiena que existe em nós.

*

No mais profundo de nossos desfalecimentos, percebemos de repente a *essência* da morte; percepção-limite, rebelde à expressão; derrota metafísica que as palavras não podem perpetuar. Isso explica por que, neste tema, as interjeições de uma velha analfabeta nos esclarecem mais do que o jargão de um filósofo.

*

A natureza só criou os indivíduos para aliviar a Dor, para ajudá-la a dispersar-se à custa deles.

*

Enquanto que para associar ao prazer a consciência do prazer é preciso a sensibilidade de um esfolado vivo ou uma longa tradição de vício, a dor e a consciência da dor se confundem até no imbecil.

*

Escamotear o sofrimento, degradá-lo em volúpia — fraude da introspecção, artimanha dos delicados, diplomacia do gemido.

*

De tanto mudar de atitude com relação ao sol, já não sei mais como tratá-lo.

*

Só se descobre um sabor nos dias quando se escapa à obrigação de possuir um destino.

*

Quanto mais indiferentes me são as pessoas, mais me perturbam; e quanto mais as desprezo, menos posso aproximar-me delas sem gaguejar.

*

Se espremêssemos o cérebro de um louco, o líquido obtido pareceria xarope comparado ao fel que segregam certas tristezas.

*

Que ninguém tente viver sem haver feito o seu aprendizado de vítima.

*

Mais que uma reação de defesa, a timidez é uma *técnica*, aperfeiçoada sem cessar pela megalomania dos incompreendidos.

*

Quando não tivemos a sorte de ter pais alcoólatras, devemos nos intoxicar toda a vida para compensar a pesada herança de suas virtudes.

*

Pode-se falar honestamente de outra coisa além de Deus ou de si mesmo?

III

O odor da criatura nos põe na pista de uma divindade fétida.

*

Se a História tivesse uma finalidade, como seria lamentável o destino daqueles que, como nós, nada fizeram na vida. Mas no meio do absurdo geral, nos erguemos triunfantes, nulidades ineficazes, canalhas orgulhosos de haver tido razão.

*

Que inquietude quando não estamos seguros de nossas dúvidas e perguntamos: são verdadeiramente dúvidas?

*

Quem nunca contradisse seus instintos, quem nunca se impôs um longo período de ascese sexual ou desconheça por completo as depravações da abstinência, será completamente alheio tanto à linguagem do crime como a do êxtase; jamais compreenderá as obsessões do marquês de Sade ou as de São João da Cruz.

*

A menor submissão, nem que seja ao desejo de morrer, desmascara nossa fidelidade à impostura do “eu”.

*

Quando sofrer a tentação do Bem, vá a um mercado, escolha entre a multidão a velha mais desvalida e a empurre. Uma vez excitada a sua verve, olhe-a sem responder, para que, graças ao estremecimento que produz o abuso do adjetivo, ela possa conhecer enfim um momento de glória.

*

Por que desfazer-se de Deus para refugiar-se em si mesmo? Por que essa substituição de cadáveres?

*

O mendigo é um pobre que, ávido de aventuras, abandonou a pobreza para explorar as selvas da piedade.

*

Não se pode evitar os defeitos dos homens sem fugir ao mesmo tempo de suas virtudes. Assim, nos arruinamos pela sensatez.

*

Sem a esperança de uma dor ainda maior, eu não poderia suportar esta de agora, mesmo que fosse infinita.

*

Esperar é *desmentir* o futuro.

*

Desde sempre, Deus escolheu tudo por nós, até as nossas gravatas.

*

Nenhuma ação, nenhum êxito é possível sem uma atenção total às causas *secundárias*. A “vida” é uma ocupação de inseto.

*

A tenacidade que empreguei em combater a magia do suicídio teria me bastado para alcançar a salvação, para pulverizar-me em Deus.

*

Quando nada mais nos estimula, resta-nos ainda a “angústia”. Não podendo prescindir dela, a perseguimos tanto no divertimento como na oração. E tememos tanto que ela nos falte, que “a angústia nossa de cada dia nos daí hoje” se torna o refrão de nossas esperanças e de nossas súplicas.

*

Por mais íntima que seja a nossa relação com as atividades do espírito, não podemos *pensar* mais de dois ou três minutos por dia; a menos que, por gosto ou por profissão, nos exercitemos durante horas em brutalizar as palavras para delas extrair idéias.

O *intelectual* representa a maior desgraça, o fracasso culminante do *homo sapiens*.

*

O que me dá a ilusão de jamais ter sido um iludido é que nunca amei nada sem ao mesmo tempo odiá-lo.

*

Por mais versados em saciedade que nos julguemos, continuaremos sendo a caricatura de nosso precursor Xerxes. Não foi ele quem prometeu por decreto uma recompensa a quem inventasse uma volúpia nova? Esse foi o gesto mais moderno da antiguidade.

IV

Quanto mais alguém corre *perigos*, mais sente a necessidade de parecer superficial, de aparentar frivolidade, de multiplicar os mal-entendidos sobre si mesmo.

*

Passados os trinta anos, os acontecimentos deveriam nos interessar tanto como a um astrônomo os mexericos.

*

Só o idiota está equipado para respirar.

*

Com a idade, não são tanto as nossas faculdades intelectuais que diminuem mas essa *força para desesperar* da qual, jovens, não sabíamos apreciar nem o encanto nem o ridículo.

*

Que lástima que para chegar a Deus tenha que se passar pela fê!

*

A vida, esse mau gosto da matéria.

*

Refutação do suicídio: não é deselegante abandonar um mundo que com tão boa vontade se pôs a serviço de nossa tristeza?

*

Mesmo que nos embriaguemos o tempo todo, nunca conseguiremos a segurança desse Cresco de manicômio que dizia: “Para poder ficar tranqüilo, comprei para mim todo o ar que existe, e me instalei nele.”

*

O mal-estar que sentimos ante uma pessoa ridícula provém do fato de que é impossível imagina-la em seu leito de morte.

*

Só se suicidam os otimistas, os otimistas que não conseguem mais sê-lo. Os outros, não tendo nenhuma razão para viver, por que a teriam para morrer?

*

Os temperamentos irascíveis? São aqueles que se vingam em seus pensamentos da alegria que dissiparam em seu trato com os outros.

*

Ignorava tudo dela; nossa conversa tomou, entretanto, um caminho macabro: falei-lhe do mar, esse comentário ao Eclesiastes... E qual não foi minha surpresa quando, ao final de minha tirada sobre a histeria das ondas, ela me disse: “Não é bom ter pena de si mesmo.”

*

Ai do descrente que, ante suas insônias, só disponha de um estoque reduzido de preces!

*

É por mero acaso que todos aqueles que me abriram novos horizontes sobre a morte eram escórias da sociedade?

*

Para o louco, qualquer bode expiatório é bom. Ele suporta suas derrotas acusando; como lhe parece que os objetos são tão culpados como os seres, ataca quem quer; o Delírio é uma economia de expansão; obrigados a discriminar melhor, nós nos concentramos em nossas derrotas, nos agarramos a elas por não encontrar fora sua causa ou seu alimento; o bom senso nos impõe uma economia cerrada, uma autarquia do fracasso.

*

“Não fica bem”, me dizia você, “praguejar o tempo todo contra a ordem das coisas.” “É culpa minha se sou apenas um novo-rico da neurose, um Jó em busca de uma lepra, um Buda de pacotilha, um Cita indolente e extraviado?”

*

A sátira e o suspiro me parecem igualmente válidos. Tanto em um panfleto como em um *Ars moriendi*, tudo é verdadeiro... Com o desembaraço da piedade adoto todas as verdades e todas as palavras.

“Serás objetivo!” — maldição do niilista que *acredita em tudo*.

*

No apogeu de nosso nojo, um rato parece ter se infiltrado em nosso cérebro para sonhar em seu interior.

*

Não foram os preceitos do estoicismo que nos mostraram a utilidade das afrontas ou a sedução das desgraças. Os manuais de insensibilidade são demasiado sensatos. E se, ao contrário, todos fizéssemos a nossa experiência de mendigos! Vestir-se com farrapos, instalar-se em uma esquina, estender a mão aos transeuntes, suportar o seu desprezo ou agradecer a sua esmola, que disciplina! Ou sair na rua, insultar desconhecidos, fazer-se esbofetear...

Durante muito tempo freqüentei os tribunais apenas com o objetivo de contemplar os reincidentes, sua superioridade sobre as leis, sua presteza em degradar-se. E no entanto parecem pobres miseráveis comparados às prostitutas, à desenvoltura que estas mostram frente ao tribunal. Tanta indiferença desconcerta: nenhum amor-próprio, as injúrias não as fazem sangrar, nenhum adjetivo as fere. Seu cinismo é a forma de sua honestidade. Uma jovem de 17 anos, majestosamente horrorosa, replica ao juiz que tenta arrancar-lhe a promessa de não voltar a freqüentar os *trottoirs*: “Não posso prometer-lhe, senhor juiz.”

Só medimos nossas próprias forças na humilhação. Para nos consolar das vergonhas que não sofremos, deveríamos infligi-las a nós mesmos, cuspir no espelho esperando que o público nos honre com a sua saliva. Que Deus nos preserve de um destino *distinto*!

*

Tanto cortejei a idéia de fatalidade, à custa de tão grandes sacrifícios alimentei-a, que acabou por encarnar-se: da abstração que era, palpita agora na minha frente, e me esmaga com toda a vida que lhe dei.

RELIGIÃO

Se acreditasse em Deus, minha fatuidade não teria limites; passearia nu pelas ruas...

*

Tanto recorreram os santos à facilidade do paradoxo que é impossível não citá-los nos salões.

*

Quando se é devorado por um apetite de sofrer tal que, para acabar com ele, necessitaríamos de milhares de existências, imaginamos bem de que inferno deve ter surgido a idéia de transmigração.

*

Fora da matéria, tudo é música: Deus mesmo não passa de uma alucinação sonora.

*

Buscar os antecedentes de um suspiro pode nos levar ao instante anterior — ou ao sexto dia da Criação.

*

Só o órgão nos faz compreender de que maneira a eternidade pode *evoluir*.

*

Essas noites em que já não podemos avançar em Deus, em que o percorremos em todos os sentidos, em que o gastamos de tanto pisoteá-lo, essas noites das quais emergimos com a idéia de joga-lo no lixo... de enriquecer o mundo com um resíduo inútil.

*

Sem a vigilância da ironia, como seria fácil fundar uma religião! Bastaria deixar os curiosos agruparem-se em torno de nossos transes loquazes.

*

Não é Deus, mas a Dor, quem desfruta das vantagens da ubiqüidade.

*

Nos momentos cruciais da vida, a ajuda do cigarro é mais eficaz que a dos Evangelhos.

*

Conta Suso que, com um estilete, gravou no peito, no lugar do coração, o nome de Jesus. Não sangrou em vão: pouco depois, uma luz emanava de sua chega.

Por que não sou mais forte em minha incredulidade? Por que não posso, inscrevendo em minha carne um outro nome, o do Diabo, servi-lhe de insígnia luminosa?

*

Quis estabelecer-me no Tempo; mas era inabitável. Quando me voltei para a Eternidade, perdi pé.

*

Chega sempre o momento em que cada um se diz: “Ou Deus ou eu” e se engaja em um combate do qual ambos saem diminuídos.

*

O segredo de um ser coincide com os sofrimentos que espera.

*

Só conhecendo, em matéria de experiência religiosa, as inquietudes da erudição, os modernos *avaliam* o Absoluto, estudam suas variedades e reservam seus estremecimentos para os mitos — esses vertigens para consciências historiadoras. Havendo deixado de rezar, comentam a prece. Nenhuma exclamação mais, só teorias. A Religião boicota a fé. No passado, com amor ou ódio, os homens se aventuravam em Deus, o qual, de Nada inesgotável que era, agora é apenas — para desespero de místicos e ateus — um *problema*.

*

Como todo iconoclasta, destrocei meus ídolos para consagrar-me a seus restos.

*

A santidade me faz tremer: essa ingerência nas desgraças alheias, essa barbárie da caridade, essa piedade sem *escrúpulos*...

*

De onde vem a nossa obsessão do Réptil? Não será de nosso temor de uma última tentação, de uma queda próxima, e, desta vez, irreparável, que nos faria perder até a *memória* do Paraíso?

*

Essa época em que, ao levantar-me, escutava uma marcha fúnebre que cantarolava durante todo o dia e que, à noite, desgastada, se desvanecia em *hino*...

*

O grande pecado do cristianismo é haver corrompido o ceticismo. Um grego jamais teria associado o gemido à dúvida. Recuaria horrorizado ante Pascal e mais ainda ante a inflação da alma que, desde a época da Cruz, desvaloriza o espírito.

*

Ser mais inutilizável que um santo...

*

Em plena nostalgia da morte, invade-nos uma fraqueza tão grande, opera-se em nossas veias uma modificação tal, que esquecemos a morte para pensar apenas na química do sangue.

*

A Criação foi o primeiro ato de sabotagem.

*

Apaixonado pelo Abismo e furioso não poder escapar dele, o descrente manifesta um ardor místico para construir um mundo tão desprovido de profundidade como um balé de Rameau.

*

No antigo Testamento sabia-se intimidar o Céu, se o ameaçava com o punho: a oração era uma disputa entre a criatura e seu criador. Para reconcilia-los chegou o Evangelho: esse foi o erro imperdoável do cristianismo.

*

Quem vive sem memória ainda não saiu do Paraíso: as plantas continuam deleitando-se nele. Não foram condenadas ao Pecado, a essa impossibilidade de *esquecer*; mas nós, remorsos ambulantes, etc, etc. (Ter saudades do Paraíso! Impossível estar mais fora de moda, exagerar mais a paixão pelo caduco ou o provincianismo.)

*

“Senhor, sem ti estou louco, mas mais louco ainda contigo!” Esse seria, na melhor das hipóteses, o resultado de um reatamento de contato entre o fracassado de baixo e o fracassado do alto.

*

O grande crime da Dor é haver organizado o Caos, havê-lo convertido em universo.

*

Que tentação as igrejas, se em lugar dos fiéis houvesse nelas apenas essas crispações de Deus que o órgão nos revela!

*

Quando roço o Mistério sem poder rir-me dele, me pergunto para que serve essa vacina contra o absoluto que é a lucidez.

*

Quantos problemas para instalar-se no deserto! Mais espertos que os primeiros eremitas, aprendemos a busca-lo em nós mesmos.

*

Rondei com um delator em torno de Deus; incapaz de suplicar-lhe, espionei-o.

*

Há dois mil anos que Jesus se vinga de nós por não haver morrido em um sofá.

*

Os diletantes não querem saber de Deus; os loucos e os bêbados, esses grandes especialistas da divindade, fazem dela o objeto de suas rumações.

Nós devemos a um resto de juízo o privilégio de ser ainda superficiais.

*

Eliminar de si as toxinas do tempo para guardar as da eternidade, essa é a infantilidade do místico.

*

A possibilidade de renovar-se através da heresia confere ao crente uma nítida superioridade sobre o ateu.

*

Nunca se desce tão baixo como quando se tem saudade dos anjos..., a não ser quando se deseja rezar até a liquefação do cérebro.

*

Mais ainda que a religião, o cinismo comete o erro de atribuir demasiada importância ao homem.

*

Entre os franceses e Deus se interpõe a astúcia.

*

Examinei devidamente todos os argumentos favoráveis a Deus: sua inexistência permaneceu para mim intacta. Ele possui o talento de fazer-se desmentir por toda a sua obra; seus defensores o tornam odioso; seus adoradores, suspeito. Quem tema amá-lo basta abrir São Tomás...

Recordo esse catedrático da Europa central que interrogava uma de suas alunas sobre as provas da existência de Deus; ela lhe cita os argumentos históricos, ontológicos, etc., mas logo acrescenta que não acredita neles. O professor se irrita, repete as provas uma a uma; ela encolhe os ombros, persiste em sua incredulidade. Então o professor se levanta, *roxoxo* de fé: “Senhorita, dou-lhe minha palavra de honra que Deus existe!”

... Argumento que, sozinho, vale todas as Sumas teológicas.

E o que dizer da Imortalidade? Querer elucidá-la, ou simplesmente abordá-la, é sinal de aberração ou de farsa. Entretanto, nem por isso os tratados deixam de expor sua impossível fascinação. Segundo eles, basta nos fiar em algumas deduções hostis ao Tempo para achar-nos subitamente munidos de eternidade, indenizados de pó, isentos de agonia.

Mas não são essas futilidades que me fizeram duvidar de minha precariedade. Em compensação, como me perturbaram as meditações de um velho amigo, músico ambulante e louco... Como todos os desequilibrados, punha-se problemas e havia “resolvido” uma quantidade. Um dia, depois de haver percorrido os cafés, veio interrogar-me sobre... a imortalidade. “É impensável”, lhe respondi, ao mesmo tempo seduzido e enojado por seus olhos inatuais, suas rugas e seus farrapos. Uma certeza o animava: “Te equivocas se não acreditas nela; se não acreditas, não sobreviverás. Estou certo de que a morte não poderá nada contra mim. Além do quê, apesar do que dizes, tudo tem uma alma. Viste os pássaros esvoaçando nas ruas e de repente elevando-se por cima das casas para *contemplar* Paris? Como não vão ter alma?!, como um pássaro pode morrer?!”

*

Para recuperar a sua autoridade sobre os indivíduos, o catolicismo necessita de um papa enfurecido, corroído por contradições, distribuidor de histeria, dominado por uma raiva de herege, um bárbaro a quem não perturbariam dois mil anos de teologia.

Em Roma e no resto da cristandade já se esgotaram completamente as reservas de demência? Desde o final do século XVI, a igreja, humanizada, só produz cismas de segunda categoria, santos vulgares, excomunhões irrisórias. E se um louco não conseguisse salva-la, ao menos poderia precipita-la em *outro* abismo.

*

De tudo o que os teólogos conceberam, as únicas páginas legíveis, as únicas palavras verdadeiras, são as dedicadas ao Diabo. Como seu tom muda, como sua eloquência se inflama quando dão as costas à Luz para se consagrar às Trevas! Dir-se-ia que voltam a seu elemento, que o descobrem de novo. Finalmente podem odiar, finalmente lhes é permitido; acabou-se o ronrom sublime ou a salmodia edificante. O ódio pode ser vil; extirpá-lo, no entanto, é mais perigoso que abusar dele. A igreja, sabiamente, poupou aos seus tais riscos; para que possam satisfazer seus instintos, ela os excita contra o Demônio; eles se agarram a ele e o roem: felizmente é um osso inesgotável... Se lhes fosse tirado, sucumbiriam ao vício ou à apatia.

*

Mesmo quando pensamos haver desalojado Deus de nossa alma, Ele continua vegetando nela. Mas sentimos que ali se aborrece: não temos mais fé suficiente para diverti-Lo.

*

Que auxílio pode oferecer a religião a um crente decepcionado por Deus e pelo Diabo?

*

Por que depor as armas, se ainda não vivi todas as contradições, se conservo ainda a esperança de um novo *impasse*?

*

Há tantos anos que me descristianizo *a olhos vistos*!

*

Toda crença nos torna insolentes; recém-adquirida, aviva nossos maus instintos; os que não a partilham consideramos fracassados e incapazes, merecedores apenas de nossa piedade e desprezo.

Observe o neófito em política e sobretudo em religião, todos aqueles que conseguiram misturar Deus a suas tramóias, os convertidos, os novos-ricos do Absoluto. Compare sua impertinência com a modéstica e as boas maneiras dos que estão perdendo a fé e as convicções...

*

Nas fronteiras de si mesmo: “Ninguém saberá jamais tudo o que sofri e sofro, nem sequer eu mesmo.”

*

Quando, por apetite de solidão, cortamos nossos laços com os outros, o Vazio nos arrebatava: ficamos sem nada, sem ninguém... Quem liquidar agora? Onde encontrar

uma vítima durável? Tal perplexidade nos abre a Deus: ao menos com Ele estamos seguros de poder *romper* indefinidamente...

VITALIDADE DO AMOR

Só se entregam ao tédio as naturezas eróticas, decepcionadas de antemão pelo amor.

*

Um amor que acaba é uma experiência filosófica tão rica que faz de um cabeleireiro um êmulo de Sócrates.

*

A arte de amar? Saber unir a um temperamento de vampiro a discrição de uma anêmona.

*

Na busca do tormento, na obstinação de sofrer, só o ciumento pode competir com o mártir. No entanto, canoniza-se um e ridiculariza-se o outro.

*

Por que o “coche fúnebre do Matrimônio” (*The Marriage Hearse*)? Por que não o coche fúnebre do Amor? Como é lamentável a restrição de Blake!

*

Onan, Sade, Masoch, que felizardos! Seus nomes, assim como suas proezas, não envelhecerão jamais.

*

Vitalidade do amor: é cometer uma grande injustiça denegrir um sentimento que sobreviveu ao romantismo e ao bidê.

*

Quem se mata por uma mulherzinha vive uma experiência mais completa e profunda do que o herói que altera a ordem do mundo.

*

Quem abusaria da sexualidade se não esperasse, nela, perder a razão por um pouco mais de um segundo, pelo resto de seus dias?

*

Sonho às vezes com um amor longínquo e vaporoso como a esquizofrenia de um perfume...

*

Sentir o cérebro: fenômeno tão nefasto para o pensamento como para a virilidade.

*

Enterrar o rosto entre dois seios, entre dois continentes da Morte...

*

Um monge e um açougueiro brigam no interior de cada desejo.

*

Só as paixões simuladas, os delírios fingidos, têm alguma relação com o espírito, com o respeito a nós mesmos; os sentimentos *sinceros* supõem uma falta de consideração para consigo.

*

Feliz no amor, Adão teria nos poupado a História.

*

Sempre pensei que Diógenes havia sofrido, em sua juventude, algum acidente amoroso: ninguém escolhe a via do sarcasmo sem a ajuda de uma doença venérea ou de uma mulher intratável.

*

Há façanhas que só perdoamos a nós mesmos: se imaginássemos os outros no ponto culminante de certo grunhido, nos seria impossível tornar a estender-lhes a mão.

*

A carne é incompatível com a caridade: o orgasmo transformaria um santo em lobo.

*

Após as metáforas, a farmácia. Assim desmoronam os grandes sentimentos. Começar poeta e acabar ginecologista! De todas as condições, a menos invejável é a de amante.

*

Declara-se guerra às glândulas e prosta-se ante os relentos de uma mulherzinha...
O que pode o orgulho contra a liturgia dos odores, contra o incenso zoológico?

*

Conceber um amor mais casto do que uma primavera que — entristecido pela
fornicação das flores — chorasse em suas raízes...

*

Posso compreender e justificar todas as anomalias, tanto em amor como em
tudo; mas que haja impotentes entre os imbecis, isso é algo que me ultrapassa.

*

A sexualidade: desregramento dos corpos, cirurgia e cinzas, bestialidade de um
ex-santo, estrondo de um risível e inesquecível desmoronamento...

*

Na volúpia, como no pânico, voltamos a nossas origens; o chimpanzé,
injustamente relegado, alcança finalmente a glória — o instante de um grito.

*

Uma gota de ironia na sexualidade falseia o seu exercício e transforma quem a
pratica em um “mistificador” da Espécie.

*

Duas vítimas atarefadas, maravilhadas com seu suplício, com seu suor sonoro. A
que cerimonial nos obrigam a gravidade dos sentidos e a seriedade do corpo!

*

Estourar de riso em pleno estertor, única maneira de desafiar as prescrições do
sangue, as solenidades da biologia.

*

Quem não escutou as confidências de algum pobre-diabo comparado ao qual
Tristão pareceria cafetão?

*

A dignidade do amor consiste no afeto desiludido que sobrevive a um instante de
baba.

*

Se os impotentes soubessem como a natureza foi maternal com eles, abençoariam o sono de suas glândulas e o louvariam nas esquinas das ruas.

*

Desde que Schopenhauer teve a idéia disparatada de introduzir a sexualidade na metafísica, e Freud a de substituir o equívoco picante por uma pseudociência de nossos transtornos, é admissível que qualquer um nos fale da “significação” de suas proezas, de sua timidez e de seus êxitos. Assim começam todas as confidências e acabam todas as conversas. Dentro em pouco nossas relações com os outros se reduzirão ao registro de seus orgasmos efetivos ou inventados... É o destino de nossa raça, devastada pela introspecção e pela anemia: reproduzir-se através da palavra, ostentar suas noites, exagerar seus desfalecimentos e seus triunfos.

*

Quanto mais desiludido está alguém, mais se arrisca, caso apaixonado, a reagir como uma mocinha leviana.

*

Duas vias se oferecem ao homem e à mulher: a ferocidade ou a indiferença. Tudo indica que tomarão a segunda, que entre eles não haverá nem ajuste de contas nem ruptura, mas que continuarão se afastando um do outro, que a pederastia e o onanismo, propostos nas escolas e nos templos, alcançarão as massas, que um monte de vícios abolidos serão de novo vigentes, e que procedimentos científicos substituirão o rendimento do espasmo e a maldição do casal.

*

Mescla de anatomia e de êxtase, apoteose do insolúvel, alimento ideal para a bulimina da decepção, o Amor nos conduz a ralés de glória...

*

Apesar de tudo, continuamos amando; e esse “apesar de tudo” cobre um infinito.

S O B R E A M Ú S I C A

Nascido com uma alma habitual, pedi outra à música: foi o começo de desgraças maravilhosas...

*

Sem o imperialismo do conceito, a música teria substituído a filosofia: teria sido o paraíso da evidência inexprimível, uma epidemia de êxtases.

*

Beethoven viciou a música: introduziu nela as mudanças de humor, deixou que nela penetrasse a *cólera*.

*

Sem Bach, a teologia seria desprovida de objeto, a Criação fictícia, o nada peremptório.

Se há alguém que deve tudo a Bach esse alguém é Deus.

*

O que são todas as melodias comparadas àquela que sufoca em nós a dupla impossibilidade de viver e de morrer...!

*

Para que reler Platão quando um saxofone pode nos fazer entrever igualmente um outro mundo?

*

Sem meios de defesa contra a música, estou obrigado a sofrer seu despotismo e, segundo seu capricho, ser deus ou farrapo.

*

Houve um tempo em que, não conseguindo imaginar um eternidade que pudesse separar-me de Mozart, não temia mais a morte. E foi assim com cada músico, com toda a música...

*

Chopin elevou o piano à condição da tuberculose.

*

O universo sonoro: onomatopéia do inefável, enigma desenvolvido, infinito percebido e inapreensível... Quando se experimenta sua sedução, só se concebe o projeto de fazer-se enbalsamar em um suspiro.

*

A música é o refúgio das almas feridas pela felicidade.

*

Não há música verdadeira que não nos faça *apalpar* o tempo.

*

O infinito *atual*, paradoxo para a filosofia, é a realidade, a essência mesma da música.

*

Se houvesse sucumbido às adulações da música, a seus chamados, a todos os universos que suscitou e destruiu em mim, há muito tempo que, de orgulho, teria perdido a razão.

*

A aspiração do Norte a outro céu engendrou a música alemã — geometria de outonos, álcool de conceitos, embriaguez metafísica.

À Itália do século passado — feira de sons — faltou a dimensão da noite, a arte de espremer as sombras para extrair a sua essência.

É preciso escolher entre Brahms e o Sol.

*

A música, sistema de adeuses, evoca uma física cujo ponto de partida não seriam os átomos, mas as lágrimas.

*

Talvez tenha esperado demais da música, talvez não tenha tomado as precauções necessárias contra as acrobacias do sublime, contra o charlatanismo do inefável...

*

De alguns andantes de Mozart emana uma desolação etérea, como um sonho de funerais em uma outra vida.

*

Quando nem sequer a música é capaz de salvar-nos, um punhal brilha em nossos olhos; nada mais nos sustenta, a não ser a fascinação do crime.

*

Como gostaria de morrer pela música, para punir-me por haver duvidado algumas vezes da soberania de seus sortilégios!

VERTIGEM DA HISTÓRIA

Na época em que a humanidade, muito pouco desenvolvida ainda, já se exercitava na desgraça, ninguém a julgaria capaz de produzir um dia em série.

*

Se Noé tivesse possuído o dom de prever o futuro, teria certamente naufragado.

*

A trepidação da história é da alçada da psiquiatria, assim como de resto todos os motivos da ação: *mover-se* é trair a razão, expor-se à camisa-de-força.

*

Os acontecimentos, tumores do Tempo...

*

Evolução: Prometeu, hoje em dia, seria deputado da oposição.

*

A *hora do crime* não soa para todos os povos ao mesmo tempo. Assim se explica a permanência a história.

*

A ambição de cada um de nós é sondar o Pior, ser um profeta prefeito. Infelizmente há tantas catástrofes nas quais não pensamos...

*

Ao contrário dos outros séculos, que praticaram a tortura com negligência, este, mais exigente, introduz nela um desejo de purismo que hora a nossa crueldade.

*

Toda indignação — desde a simples reclamação até a revolta luciferina — indica uma interrupção na evolução mental.

*

A liberdade é o bem supremo só para aqueles a quem anima a *vontade* de ser heréticos.

*

Dizer: prefiro tal regime a tal outro, é flutuar no indefinido; seria mais exato afirmar: prefiro tal polícia a tal outra. Pois a história na realidade, se reduz a uma classificação de polícias; por que, de que trata o historiador, senão da concepção do gendarme que os homens criaram através dos tempos?

*

Que não nos falem mais de povos dominados, nem de seu gosto pela liberdade; os tiranos sempre são assassinados tarde demais: essa é sua grande desculpa.

*

Nas épocas tranquilas, quando odiamos pelo prazer de odiar, devemos buscar inimigos que nos agradem; deliciosa preocupação que nos evita as épocas agitadas.

*

O homem *segrega* desastre.

*

Admiro esses povos de astrônomos: caldeus, assírios, pré-colombianos, que, por causa de seu gosto pelo céu, fracassaram na história.

*

Povo autenticamente eleito, os Ciganos não são responsáveis por nenhum acontecimento, por nenhuma instituição. Triunfaram do mundo por sua vontade de não *fundar* nada nele.

*

Algumas gerações mais e o riso, reservado aos iniciados, será tão impraticável como o êxtase.

*

Uma nação se extingue quando deixa de reagir ante as fanfarras: a Decadência é a morte da *trombeta*.

*

O ceticismo é o excitante das civilizações jovens e o pudor das velhas.

*

As terapêuticas mental abundam nos povos opulentos: a ausência de angústias *imediatas* alimenta neles um clima mórbido. Para conservar o seu bem-estar nervoso, uma não necessita de uma desgraça substancial, de um *objeto* para suas inquietudes, de

um terror efetivo que justifique seus “complexos”. As sociedades se consolidam no perigo e se atrofiam na neutralidade. Onde reinam a paz, a higiene e o conforto, as psicoses se multiplicam.

... Venho de um país que, por não haver conhecido jamais a felicidade, só produziu um psicanalista.

*

Os tiranos, uma vez saciada a sua ferocidade, tornam-se inofensivos; tudo voltaria ao normal se os escravos, ciumentos, não pretendessem também saciar a sua. A aspiração do cordeiro a converter-se em lobo suscita a maioria dos acontecimentos. Quem não tem presas, sonha com elas; deseja devorar por sua vez e o consegue pela brutalidade do número.

A história, esse *dinamismo das vítimas*.

*

Por haver incluído a inteligência entre as virtudes e a asneira entre os vícios, a França ampliou o domínio da moral. Daí sua vantagem sobre as outras nações, sua vaporosa supremacia.

*

Poder-se-ia medir o grau de refinamento de uma civilização pelo número de doentes hepáticos, impotentes ou neuróticos que possui. Mas por que limitar-se a esses deficientes, quando há tantos outros que atestam, pela carência de suas vísceras ou de suas glândulas, a prosperidade fatal do Espírito?

*

Não encontrando nenhuma satisfação na vida, os biologicamente fracos se dedicam a modificá-la atacando seus princípios.

*

Por que não se isolou os grandes reformadores aos primeiros *sintomas* da fé? E o que se esperou para encerrá-los em um hospício ou em uma prisão? Aos 12 anos, o Galileu já deveria estar internado. A sociedade está mal organizada: não toma as medidas necessárias contra os delirantes que não morrem jovens.

*

O ceticismo derrama demasiado tarde suas bênçãos sobre nós, sobre nossos rostos deteriorados pelas convicções, sobre nossos rostos de hienas com um ideal.

*

Um livro sobre a guerra — o de Clausewitz — foi o livro de cabeceira de Lênin e de Hitler. E ainda se pergunta por que este século está condenado!

*

Para passar das cavernas aos salões, precisamos de um tempo considerável; necessitaremos outro tanto para percorrer o caminho inverso ou queimaremos as etapas? Pergunta inútil para os que não *pressentem* a pré-história...

*

Todas as calamidades — revoluções, guerras, perseguições — provêm de um *equivoco* inscrito sobre uma bandeira.

*

Só os povos fracassados se aproxima de um ideal “humano”; os outros, os que triunfam, portam consigo os estigmas de sua glória, de sua atrocidade dourada.

*

No pavor, somos vítimas de uma *agressão* do Futuro.

*

Temo um homem político que não dá algum sinal de caduquice.

*

Possuindo a iniciativa de suas misérias, as grandes nações podem variá-las à vontade; as pequenas estão obrigadas a suportar as que lhe são impostas.

*

A ansiedade — ou o fanatismo do pior.

*

Quando a ralé adota um mito, conte com um massacre ou, pior ainda, com uma nova religião.

*

As ações brilhantes são próprias de povos que, alheios ao prazer de demorar-se à mesa, ignoram a poesia da sobremesa e as melancolias da digestão.

*

Sem a sede do ridículo, o gênero humano teria durado mais de uma geração?

*

Há mais honestidade e rigor nas ciências ocultas do que nas filosofias que atribuem um “sentido” à história.

*

Este século me transporta ao começo dos tempos, aos últimos dias do Caos. Ouço a matéria gemer; os gritos do Inanimado atravessam o espaço; meus ossos afundam nas pré-histórias enquanto meu sangue flui nas veias dos primeiros répteis...

*

Uma espiada no itinerário da civilização me dá uma presunção de Cassandra.

*

A “libertação” do homem? Virá no dia em que, desembaraçado de sua mania finalista, tenha compreendido o acidente de sua aparição e a gratuidade de seus infortúnios, no dia em que todos nos agitemos como atormentados saltitantes e sábios, e em que, mesmo para o populacho, a “vida” se reduza a suas justas proporções, a uma *hipótese de trabalho*.

*

Quem não viu um bordel às cinco da manhã não pode imaginar para que lassitudes se encaminha o nosso planeta.

*

A história é *indefensável*. É preciso reagir em relação a ela com a inflexível abulia do cínico; ou então, pensar como todo mundo, caminhar com a turba dos rebeldes, dos assassinos e dos crentes.

*

A “experiência homem” fracassou? Já havia fracassado com Adão. Entretanto, é legítimo perguntar: teremos bastante imaginação para parecer ainda inovadores, para *agravar* tal fracasso?

Enquanto esperamos, perseveremos no erro de ser homens, comportemo-nos como farsantes da Queda, sejamos terrivelmente frívolos!

*

Nada me consola de não haver conhecido o momento em que a terra rompeu com o sol, a não ser a perspectiva de conhecer o instante em que os homens romperão com a terra.

*

Antigamente se passava com gravidade de uma contradição a outra; agora sofremos tantas ao mesmo tempo que não sabemos mais por qual nos interessar, nem qual resolver.

*

Racionalistas impenitentes, incapazes de nos acostumar ao Destino ou de compreender o seu sentido, nos julgamos o centro de nossos atos e acreditamos desmoronar *voluntariamente*. Se uma experiência capital se produz em nossa vida, o destino, de impreciso e abstrato que era, adquire para nós o prestígio de uma sensação. Assim cada um de nós penetra à sua maneira no Irracional.

*

Uma civilização, ao final de seu percurso, de anomalia feliz que era, degrada-se em regra, alinha-se com nações medíocres, chafurda no fracasso e faz de seu destino seu único problema. A Espanha é o modelo perfeito desta forma de obsessão. Após haver conhecido, na época dos conquistadores, uma super-humanidade bestial, dedicou-se a ruminar seu passado, a repisar suas lacunas, deixou embolorar suas virtudes e seu gênio; em compensação, apaixonada por seu declínio, adotou-o como uma nova supremacia. Esse masoquismo histórico, como não perceber que deixa de ser uma singularidade espanhola para converter-se no clima e na receita da decadência de todo um continente?

*

Hoje em dia, no tema da caduque das civilizações, um analfabeto poderia rivalizar *em estremecimentos* com Gibbon, Nietzsche ou Spengler.

*

O final da história? O fim do homem? É sério pensar nisso? São acontecimentos longínquos que a Ansiedade — ávida de desastres *iminentes* — deseja a todo custo precipitar.

N A S R A Í Z E S D O V A Z I O

Acredito na salvação da humanidade, no futuro do cianureto...

*

O homem superará algum dia o golpe mortal que aplicou na vida?

*

Não poderia reconciliar-me com as coisas, mesmo que cada instante deixasse o tempo para me dar um beijo.

*

Só os indivíduos rachados possuem aberturas para o além.

*

Quem, buscando-se em um espelho em plena obscuridade, não viu refletidos nele os crimes que o *esperam*?

*

Se não tivéssemos a faculdade de exagerar os nossos males, nos seria impossível suportá-los. Atribuindo-lhes proporções inusitadas, nos consideramos condenados escolhidos, eleitos às avessas, lisonjeados e estimulados pela desgraça...

Felizmente, em cada um de nós existe um fanfarrão do Incurável.

*

Devemos corrigir tudo, até os soluços...

*

Quando Ésquilo ou Tácito lhe pareçam demasiado mornos, abram uma *Vida dos insetos* — revelação de raiva e de inutilidade, inferno que, para nossa sorte, não terá nunca dramaturgo nem cronista. O que restaria de nossas tragédias se um bichinho letrado nos mostrasse as suas?

*

Sem agir, sentes a febre das façanhas; sem inimigos, travas um combate extenuante... É a *tensão gratuita* da neurose, que daria até a um comerciante arrepios de general derrotado.

*

Não posso contemplar um sorriso sem ler nele: “Olhe-me pela última vez.”

*

Senhor, tende piedade de meu sangue, de minha anemia em chamas!

*

Quanta concentração, quanto esforço e tato são necessários para destruir nossa *razão de ser*!

*

Quando me lembro que os indivíduos são apenas gotas de saliva que a vida cospe, e que a vida mesma não vale muito mais em comparação com a matéria, dirijo-me ao primeiro bar que encontro com a intenção de nunca mais sair dele. E no entanto, nem sequer mil garrafas me dariam o gosto da Utopia, dessa crença em que algo ainda é possível.

*

Cada um se confina em seu medo — sua torre de marfim.

*

O segredo de minha adaptação à vida? Mudei de desespero como quem muda de camisa.

*

Em todo desfalecimento se experimenta como uma última sensação — em Deus.

*

Minha avidez de agonias me fez morrer tantas vezes que me parece indecente abusar ainda de um cadáver do qual já não posso extrair nada.

*

Por que o “Ser” ou qualquer outra palavra com maiúscula? “Deus” *soava* melhor. Devíamos tê-lo conservado. Pois não são unicamente as razões de eufonia que deveriam comandar o jogo das verdades?

*

Nos estados de paroxismo sem causa, o cansaço é um delírio e o cansado o demiurgo de um subuniverso.

*

Cada dia é um Rubicão no qual aspiro a afogar-me.

*

Não se encontrará em nenhum fundador de religião uma piedade comparável à de uma paciente de Pierre Janet. Entre outras crises, ela tinha uma a respeito “desse departamento infeliz de Seine-et-Oise que encerra e contém o departamento do Seine sem nunca poder desembaraçar-se dele”.

Em piedade, como em tudo, o hospício tem a última palavra.

*

Nos sonhos manifesta-se o louco que há em cada um de nós; após haver governado as nossas noites, adormece no mais profundo de nós mesmos, no seio da Espécie; de vez em quando, no entanto, o ouvimos roncar em nossos pensamentos...

*

Quem teme perder sua melancolia, quem tem medo de curar-se dela, com que alívio constata que seus temores são infundados, que ela é incurável...

*

“De onde vêm seus ares presunçosos?”

“Consegui sobreviver a tantas noites nas quais me perguntava: Vou me matar na aurora?...”

*

O instante em que acreditamos haver finalmente compreendido *tudo* nos dá uma aparência de assassinos.

*

Só alcançamos o irrevogável a partir do momento em que já não podemos renovar nossos remorsos.

*

Essas idéias que voam pelo espaço e que, de repente, se chocam contra as paredes de nosso crânio...

*

Uma natureza religiosa se define menos por suas convicções que pela necessidade de prolongar seus sofrimentos além da morte.

*

Assisto, aterrorizado, à diminuição de meu ódio pelos homens, ao enfraquecimento do último vínculo que me unia a eles.

*

A insônia é a única forma de heroísmo compatível com a cama.

*

Para um jovem ambicioso, não há maior desgraça do que conviver com conhecedores do gênero humano. Conheci três ou quatro: eles me *acabaram* aos vinte anos.

*

A Verdade? Encontra-se em Shakespeare; um filósofo não poderia apropriar-se dela sem explodir com seu sistema.

*

Quando esgotamos os pretextos que incitam à alegria ou à tristeza, conseguimos vivê-las, ambas, em *estado puro*: nos igualamos assim aos loucos...

*

Após haver denunciado tantas vezes a megalomania nos outros, como poderia, sem cair no ridículo, julgar-me ainda o homem ineficaz por excelência, o primeiro entre os inúteis?

*

“Um só pensamento endereçado a Deus vale mais que o universo inteiro.”
(*Catherine Emmerich*)

Ela tem razão, a pobre santa...

*

Só enlouquecem os tagarelas e os taciturnos: os que se esvaziam de todo mistério e os que o acumulam demasiado.

*

No pavor — megalomania às avessas — nos transformamos no centro de um turbilhão universal, enquanto os astros fazem piruetas à nossa volta.

*

Quando, na Árvore do Conhecimento, uma idéia amadureceu, que volúpia insinuar-se nela para agir como uma larva a fim de precipitar sua queda!

*

Para não insultar as crenças ou o trabalho dos outros, para que não me acusassem nem de esterilidade nem de preguiça, dediquei-me à Perplexidade até fazer dela a minha forma de piedade.

*

A propensão ao suicídio é característica dos assassinos timoratos, respeitosos das leis; tendo medo de matar, sonham aniquilar-se, seguros que estão de sua impunidade.

*

“Quando faço a barba”, me dizia um semilouco, “quem, senão Deus, me impede de cortar a garganta?” — a fé seria apenas, afinal de contas, um artifício do instinto de conservação. Biologia por toda parte...

*

Nos empenhamos em abolir a realidade por *medo de sofrer*. Coroados nossos esforços, é a própria abolição que se revela fonte de sofrimentos.

*

Quem não vê a morte de cor rosa sofre de um daltonismo do coração.

*

Por não haver sabido celebrar o aborto ou legalizar o canibalismo, as sociedades modernas deverão resolver seus problemas através de procedimentos muito mais expeditivos.

*

O último recurso daqueles que o destino maltratou é a *idéia* de destino.

*

Como gostaria de ser uma planta, mesmo que tivesse de velar um excremento!

*

Essa multidão de antepassados que se lamentam em seu sangue... Por respeito a suas derrotas, rebaixo-me ao suspiro.

*

Tudo se volta contra nossas idéias, a começar por nosso cérebro.

*

É impossível saber se o homem se servirá ainda durante muito tempo da palavra ou se recuperará pouco a pouco o *uso* do uivo.

*

Paris, o ponto mais afastado do Paraíso, é entretanto o único lugar onde ainda se torna agradável desesperar-se.

*

Há almas que nem o próprio Deus poderia salvar, ainda que se pusesse de joelhos e rezasse por elas.

*

Um doente me dizia: “Para que sofro minhas dores se não sou poeta para vangloriar-me ou servir-me delas?”

*

Quando, liquidados os motivos de revolta, já não sabemos contra o quê nos insurgir, somos tomados de tal vertigem que daríamos a vida em troca de um preconceito.

*

Na palidez, nosso sangue se retira para não se interpor mais entre nós e não se sabe o quê...

*

Cada um com sua loucura: a minha foi julgar-me normal, perigosamente normal. E como me parecia que os outros estavam loucos, acabei ficando com medo, medo deles e, o que é pior, medo de mim mesmo.

*

Após certos acessos de eternidade e de febre, nos perguntamos por que razão não nos dignamos ser Deus.

*

Os meditativos e os carnavais: Pascal e Tolstoi. Interessar-se pela morte ou detestá-la, descobri-la pelo espírito ou pela fisiologia. Com instintos minados, Pascal superou as suas inquietações, enquanto que Tolstoi, furioso de ter que perecer, lembra um elefante espavorido, uma selva devastada. Não se pode meditar nos *equadores do sangue*.

*

Aquele que, por descuidos sucessivos, esqueceu de matar-se, dá a si mesmo a impressão de um veterano da dor, de um aposentado do suicídio.

*

Quanto maior é a minha intimidade com os crepúsculos, mais me convenço de que os únicos que compreenderam algo de nossa horda são os humoristas, os charlatões e os loucos.

*

Atenuar nossas angústias, convertê-las em *dúvidas*, estratégia que nos inspira a covardia, esse ceticismo para uso de todos.

*

Acesso involuntário a nós mesmos, a doença nos obriga à “profundidade”, nos condena a ela. O doente? Um metafísico involuntário.

*

Após haver buscado em vão um país adotivo, voltar-se para a morte para instalar-se nela como *cidadão* de um novo exílio.

*

Todo ser que se *manifesta* renova à sua maneira o pecado original.

*

Concentrado no drama das glândulas, atento às confidências das mucosas, o Nojo nos transforma em fisiologistas.

*

Se o sangue não tivesse um gosto insípido, o asceta se definiria por sua repulsa ao vampirismo.

*

O espermatozóide é o bandido em estado puro.

*

Colecionar fatalidades, debater-se entre o catecismo e a orgia, descansar tranqüilamente no frenesi e, nômade aturdido, moldar-se por Deus, esse Apátrida...

*

Quem não conheceu a humilhação ignora o que é chegar ao último grau de si mesmo.

*

Adquiri minhas dúvidas penosamente; minhas decepções, como *se me esperassem* desde sempre, vieram por elas mesmas, iluminações primordiais.

*

Sobre um planeta que compõe seu epitáfio, tenhamos a dignidade suficiente para nos comportar como cadáveres amáveis.

*

Queiramos ou não, somos todos psicanalistas, amantes dos mistérios do coração e das cuecas, escafandristas do horror. Ai do espírito de abismos claros!

*

Nas lassitudes, deslizamos para o ponto mais baixo da alma e do espaço, para os antípodas do êxtase, para as raízes do Vazio.

*

Quando mais convivemos com os homens, mais nossos pensamentos se obscurecem; e quando, para aclará-los, voltamos à nossa solidão, encontramos nela a sombra que eles projetaram.

*

A sabedoria desiludida deve remontar a alguma era geológica: talvez os dinossauros tenham sucumbido a ela...

*

Apenas adolescente, a perspectiva da morte me horrorizava; para fugir dela corria ao bordel ou invocava os anjos. Mas, com a idade, nos habituamos a nossos próprios terrores, não fazemos mais nada para nos livrar deles, nos aburguesamos no Abismo. E se houve um tempo em que invejava esses monges do Egito que cavavam suas tumbas para chorar sobre elas, se cavasse agora a minha seria apenas para jogar pontas de cigarro.

* * *